

CHACHACHA!

Textos, diagramação e projeto gráfico
por Paula Holanda

Revisão
por Carla Risso

Ilustração da capa
por Klaus Koti

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Morbi laoreet dictum mattis. Suspendisse et libero non elit finibus finibus. Donec id lacinia leo. Maecenas quis tristique nulla. Curabitur viverra sem nisi, id ullamcorper quam hendrerit et. Nullam mollis libero vel lacinia pretium. Mauris lobortis lorem tempor, consequat orci vel, tristique nisl. Nullam vel urna odio. Vivamus enim orci, placerat ac aliquam id, vehicula non quam. Class aptent taciti sociosqu ad litora torquent per conubia nostra, per inceptos himenaeos. In in turpis tellus. Praesent aliquet, elit id tristique hendrerit, erat erat lobortis ex, feugiat sodales lorem ligula et leo.

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Morbi laoreet dictum mattis. Suspendisse et libero non elit finibus finibus. Donec id lacinia leo. Maecenas quis tristique nulla. Curabitur viverra sem nisi, id ullamcorper quam hendrerit et. Nullam mollis libero vel lacinia pretium. Mauris lobortis lorem tempor, consequat orci vel, tristique nisl. Nullam vel urna odio. Vivamus enim orci, placerat ac aliquam id, vehicula non quam. Class aptent taciti sociosqu ad litora torquent per conubia nostra, per inceptos himenaeos. In in turpis tellus. Praesent aliquet, elit id tristique hendrerit, erat erat lobortis ex, feugiat sodales lorem ligula et leo.

Proin sagittis nisl non enim feugiat, eu vestibulum nunc lobortis. Proin rhoncus, dolor nec egestas tincidunt, tortor enim elementum risus, in euismod arcu purus dapibus felis. Nulla hendrerit tortor sed nisl congue, eget porttitor felis volutpat. Integer elementum, felis vel euismod fermentum, risus erat suscipit justo, quis aliquam sapien mi vel magna. Maecenas eget nulla ipsum. In vel lectus ac nisi sem-

per vulputate. Sed bibendum nisl eros, nec semper nisl tincidunt vel.

Nulla in maximus metus. Vivamus eu dolor eu urna placerat sodales et eu nibh. Duis condimentum urna vel nisi fermentum, id suscipit lacus porttitor. Vivamus consequat felis quis massa blandit, ac consequat velit rhoncus. In mattis mollis dolor vel egestas. Phasellus sed erat commodo, commodo nunc ut, auctor libero. Phasellus finibus magna eu neque mollis commodo. Sed tortor purus, rhoncus id enim ut, eleifend ullamcorper leo. Fusce convallis eleifend tempor. Suspendisse urna ex, porttitor ac congue sit amet, tempor ac nisl. Pellentesque semper mollis dolor sit amet congue.

Orci varius natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Aenean sollicitudin, leo vitae consequat convallis, lacus risus finibus enim, eu faucibus urna dui nec velit. Sed blandit pellentesque iaculis. Curabitur erat massa, rutrum tempus eros sit amet, egestas eleifend tortor. Maecenas tortor diam, scelerisque vitae dolor id, cursus convallis sapien. Suspendisse mollis quam at leo mattis molestie. Nunc et iaculis nisl. Morbi accumsan, justo a ultrices vulputate, odio eros rhoncus massa, rhoncus bibendum est neque vitae erat. Praesent blandit dolor sit amet dolor consectetur viverra. Praesent vitae luctus ipsum. In elit ex, volutpat porta scelerisque nec, auctor vel eros. Suspendisse commodo purus sed lacinia lobortis. Vestibulum pellentesque nisi eu justo auctor, vitae feugiat ligula convallis. Fusce mi purus, vehicula ultricies turpis nec, tempus ullamcorper est. Nunc imperdiet dictum magna a cursus. Vivamus accumsan vel eros nec semper.

EDITORIAL

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Morbi laoreet dictum mattis. Suspendisse et libero non elit finibus finibus. Donec id lacinia leo. Maecenas quis tristique nulla. Curabitur viverra sem nisi, id ullamcorper quam hendrerit et. Nullam mollis libero vel lacinia pretium. Mauris lobortis lorem tempor, consequat orci vel, tristique nisl. Nullam vel urna odio. Vivamus enim orci, placerat ac

Autorizo a reprodução parcial ou total deste material exclusivamente para fins acadêmicos, científicos e educacionais.

ROCK 'N' ROLL PRIMITIVO

Influenciado por punk, garage rock e delta blues, o multi-instrumentista e artista visual Klaus Koti utiliza objetos encontrados no lixo como instrumentos musicais e foi preso na Inglaterra em turnê com o seu projeto mais popular, O Lendário Chucrobillyman

Adepto às filosofias que compreendem o faça-você-mesmo, Klaus Koti, artista visual e multi-instrumentista, nunca espera por apoio ou aprovação de terceiros para concretizar seus projetos. Ele se opõe ao conformismo e submissão sistêmicos ao demonstrar-se capaz de gravar, produzir, ilustrar, divulgar e distribuir seus próprios discos quase sem recurso ou assistência nenhuma. Koti, por exemplo, não se deixou desmotivar ao perceber que, conforme o próprio, “ninguém queria lançar seus trabalhos” e enxergou nessa situação uma alternativa individual e autogestionária: a criação da Fonfon Records, o seu próprio selo independente.

Com influências que rondam o punk, o pós-punk e o delta blues, o artista consegue notar possibilidades artísticas onde alguém com olhar genérico e desimaginativo dificilmente perceberia. Klaus Koti empenha-se em fazer o máximo gastando o mínimo, seja gravando uma banda de cinco integrantes com um microfone de lapela ou utilizando objetos aleatórios que encontra no lixo como instrumentos musicais. Suas composições são pequenos monólogos; causos que transitam entre o urbano e o rural, entre o mundano e o sobrenatural.

Em 2015, Klaus fez a abertura do primeiro e único show em terras brasileiras do The Sonics, banda cultuada do proto-punk e pioneira do garage rock estado-unidense, com sua monobanda O Lendário Chucrobillyman, que segue sendo o seu projeto mais ativo e conhecido desde que passou a ter videoclipes exibi-

dos na programação da MTV Brasil, após o lançamento do disco “The Chicken Album” (2008). Em 2011, a emissora o indicou para o extinto VMB, na categoria “Aposta MTV” — no mesmo ano, Koti foi preso por um dia na Tinsley House, um centro para imigrantes ilegais aos moldes de uma prisão em Londres, na Inglaterra.

Em sua discografia, constam mais de 15 trabalhos; só com O Lendário Chucrobillyman são seis, e um sétimo já está em curso. O currículo de Koti apresenta uma série de bandas e monobandas, entre elas, destacam-se também Os Penitentes e Wi-Fi Kills, seu mais novo projeto. Nas artes visuais, Klaus tem influência da xilogravura e ilustra capas e cartazes de eventos culturais. Confira uma entrevista com o engenhoso multitalentos.

As ilustrações que você faz costumam ser monocromáticas ou ter poucas cores, acredito que muito por conta da influência da xilogravura. As cores que você utiliza desenvolvem um estilo bem característico e interessante em seu trabalho.

Como você as escolhe? É intuitivo?

É bem intuitivo. Eu componho imagens fazendo uma distribuição de pesos. Se você utiliza branco, pode balancear com o preto ou usá-lo para dar ideia de profundidade. Eu uso muito as cores para dar ideia de profundidade, de sombreamento, iluminação; sempre escolho elas ao final das ilustrações, mais com esse intuito de atribuir a elas essa sensação de dimensão — de trazer alguns detalhes para frente e levar outros detalhes para trás. O preto remete a mim a noção de preenchimento, enquanto o branco me remete ao vazio, à pausa.

Você cursou belas artes, estou certa? Es-tudar em uma faculdade contribuiu para o seu processo criativo? De que maneira?

Sim, acho que sim. Tanto em relação às artes visuais quanto em relação à música, pois as duas coisas estão interligadas. A criação gráfica é uma etapa muito importante da produção de um disco, e sou eu quem ilustro as capas dos meus. Minhas ilustrações também têm muitas influências musicais, a exemplo do Devo. Primeiro eu fiz um curso de design; era um curso técnico, que misturava design gráfico com design de produto. Eu queria realizar trabalhos mais livres, mais artísticos, então entrei na faculdade de belas artes, que era totalmente

oposta ao curso técnico. Mas ambos são universos legais, inclusive complementares. É importante ter o rigor e a sistematização do curso técnico, ao mesmo tempo que é importante ter a liberdade da faculdade de belas artes.

Quais são os artistas visuais, especificamente do mundo da música — artistas que idealizam artes de capa, cartazes —, que você mais gosta?

Eu gosto muito das ilustrações do Jad Fair, guitarrista do Half Japanese. Um outro artista-músico que me influencia bastante é o Billy Childish. Ele era cantor, guitarrista, compositor, e então virou pintor e passou a usar suas pinturas como capas de discos. Eu admiro muito os artistas visuais que são também músicos e participam de diversas etapas da produção de um disco — que compõem, executam, fazem a arte de capa. E eu sinto que isso está cada vez mais comum; eu faço isso há 20 anos, mas parece que essa geração nasceu meio faz-tudo.

Sim. E isso acontece não só em relação às artes visuais. Os músicos independentes têm se inserido em seus próprios trabalhos cada vez mais, em diversas etapas. Nota-se um crescimento significativo no número de músicos que gravam e produzem seus discos em casa, por exemplo; certamente em decorrência da facilidade promovida por avanços tecnológicos.

Sim, acho que isso tem relação principalmente com os smartphones. Antes disso nós gravávamos usando desktops, o que já era um excelente

avanço, pois músicos independentes passaram a gravar e a produzir seus próprios trabalhos usando seus computadores pessoais. Eu comecei a gravar em casa porque gravei em estúdio e não gostei do resultado. A pessoa que está te produzindo tem que te conhecer, conhecer o que você gosta, conhecer a sua linguagem; e às vezes, quem está te produzindo é alguém que quer produzir o seu trabalho do jeito dele, e às vezes “o jeito dele” não tem nada a ver com o seu jeito. Por isso que o “faça-você-mesmo” é importante — ele te possibilita fazer algo que está de acordo com o que você gosta, com o que você acredita.

Você costuma julgar os discos pela capa? Você acha que discos com boas capas tendem a ser bons discos?

Aí é difícil! Não dá para julgar o disco pela capa, né? Mas tem alguns discos que parecem ser muito certos — você vê a capa e pensa “eu tenho certeza de que esse disco é bom”. Mas às vezes não é, às vezes a capa é muito boa e o disco é muito ruim. E às vezes a capa é muito ruim e o disco é do caralho!

Acho que é mais comum o disco bom com a capa ruim.

[Risos] É, acho que sim. Mas pensar nas capas dos discos é extremamente importante. Apesar de toda essa evolução tecnológica, materializar os discos ainda é bem caro e difícil. Prensar um vinil é um puta gasto! Então é importante pensar nessa possibilidade do material físico e fazer um trabalho bem-feito também visual-

Às vezes, quem está te produzindo é alguém que quer produzir o seu trabalho do jeito dele, e às vezes “o jeito dele” não tem nada a ver com o seu jeito. Por isso que o “faça-você-mesmo” é importante — ele te possibilita fazer algo que está de acordo com o que você gosta, com o que você acredita.

mente, para que esse possível material físico possa ser valorizado — seu álbum pode vir a ser prensado em vinil, nunca se sabe. É engraçado ver discos antigos e perceber o quanto as capas deles são randômicas. Algumas capas de discos brasileiros que se tornaram clássicos parecem ter sido muito improvisadas, não houve um cuidado com a parte gráfica. Talvez se esses músicos soubessem que seus discos se tornariam clássicos, eles dariam mais atenção às suas capas.

Acho que as capas antigas brasileiras, especificamente as capas da jovem-guarda, eram meio narcisistas. Eram quase sempre fotos dos artistas, das bandas.

[Risos] Ah, isso também é legal! Existem umas capas muito boas nesse modelo também.

Lembrei que você tem umas capas assim. Pois é [risos].

Nesse caso, retiro o que disse. Não é tão narcisista assim.

[Risos] No sertanejo também tem muitas capas nesse modelo, algumas muito estranhas. São capas tão ruins que são boas. Tem umas capas ótimas de Milionário & José Rico. Outro dia eu estava com alguns amigos vendo capas de Duduca & Dalvan. Eles têm um disco chamado “Massa Falida” que tem uma capa que nossa, cara... aquilo lá é muito extremo! Simplesmente não dá para entender.

Fale sobre a criação da Fonfon Records.

De onde surgiu a necessidade de criar o seu próprio selo independente?

Ah, a Fonfon Records é o selo mais tosqueira do Sul. Ninguém queria lançar meus trabalhos, então juntei uma graninha e comecei a lançar meus próprios discos. Não criei o selo pensando que ele se tornaria algo grande, mas para divulgar o que faço. Se um dia eu montar um estúdio e gravar outras pessoas, talvez eu pense em idealizar um selo “de verdade”. Mas atualmente, ele funciona como uma espécie de acervo da minha própria produção.

E por mais desprezioso que seja, ele é mais bem-feito e cuidadoso do que muitos “selos de verdade” que eu conheço. O seu site é bem organizado!

Ah, que massa! Como comentei, eu gosto de usar esse site como uma espécie de acervo. É uma ferramenta legal para catalogar meus trabalhos e fazer uma clipagem do material sobre eles que sai nos veículos de comunicação.

Alguns de seus discos são de sua completa autoria — você compôs e executou todas as linhas instrumentais, fez a gravação, mixagem e masterização, idealizou a arte de capa e identidade visual e, por fim, divulgou e distribuiu o produto final. Você acredita que um processo como este, por ser extremamente independente, torna a obra mais sincera, mais pessoal?

Acho que “sinceridade” não é bem a palavra. Talvez sinceridade consigo mesmo, sim. Com o que você quer dizer, com o que você acredita.

Porque você independe de opiniões externas — em processos como esse, ninguém vai te falar “olha, isso aqui não vai funcionar”, “isso aqui não pode ser assim”. Isso é legal. Por outro lado, você pode acabar ficando um pouco fechado. É sempre bom criar com outras pessoas também. Ambas as coisas podem ser legais. Eu também tenho bandas e componho com outras pessoas. A diferença é que quando crio com os outros, existe uma troca que não acontece quando crio sozinho. Eu comecei a tocar só para registrar as músicas que faço, pois não tenho o costume de escrever as minhas composições. Mas alguns desses registros me agradavam muito, então eu pensei, “por que não lançá-los em discos?”. Foi uma necessidade de documentação. A minha memória é muito ruim e eu não queria esquecer das coisas que estava fazendo. E nessa época eu já desenhava, então eu também fazia as artes de capa para esses discos; acabou sendo algo muito gostoso de fazer. Eu tenho uns 16 discos agora. 16? Nem me lembro de quantos discos eu tenho. Mas é por aí.

Você acha que atingiu o ápice da independência? Existe algo no processo de produção de um disco que você ainda não faz e gostaria de ter autonomia para fazer?

Nossa, existem muitas coisas. Como eu gravo e aprendi a gravar sozinho, eu desenvolvi um método de gravação que não sei se é certo; é muito intuitivo. Acho que se um dono de estúdio me visse fazendo algumas das coisas absurdas que eu faço, pensaria “nossa, velho, quê que esse maluco tá fazendo” [risos]. Eu não

tenho muita noção de técnicas de gravação, a maior parte do que sei aprendi pesquisando sozinho. Algumas coisas eu aprendi com o [Marcus] Coelho, que é um amigo que tem um estúdio e toca comigo no Penitentes. Mas essas lacunas acabam sendo legais, pois eu sempre tenho algo para aprender. Cada disco é uma nova experiência. É um sentimento bom e ao mesmo tempo frustrante, porque você nunca consegue fazer exatamente o que você quer.

Para você, os avanços tecnológicos mais limitam ou ampliam o processo criativo do artista?

Que pergunta difícil! Eu acho que quanto mais a tecnologia avança, mais promove possibilidades. É um acúmulo de alternativas: você pode usar as novas tecnologias e isso não te impossibilita de experimentar também com as antigas. Eu gravo boa parte do que faço analogicamente e só uso instrumentos também analógicos; nunca experimentei usar MIDI, por exemplo. E tem algumas músicas antigas que são melhores do que muitas músicas atuais produzidas em estúdios fodidos, elas são quentes. Eu escuto umas músicas do T. Rex, por exemplo, e não faço ideia de como se faz digitalmente

o que eles fizeram analogicamente. As gravações de rocksteady, da década de 1960, nossa... aquilo é muito espacial e poderoso! Mas eu gosto tanto das coisas analógicas quanto das coisas digitais, também gosto do híbrido entre os dois. A maior parte dos meus trabalhos foi produzida com equipamentos bem ruins, muitas vezes gravei direto na placa mãe. As facilidades que os avanços tecnológicos promovem acabam fazendo com que todo mundo tenha a impressão de que consegue fazer tudo. É um bombardeio de informação — quando todos estão fazendo tudo, nada parece tão importante. E a tecnologia também transforma a maneira de como as pessoas fazem música. Eu estava conversando com o Luis [Tissot] e ele me disse, “cara, as pessoas não querem mais tocar bateria porque moram em um apartamentozinho no centro da cidade e não têm espaço para ter uma bateria — por isso que elas preferem usar o computador”. Então eu acho que a maneira de como fazemos música depende muito das relações entre espaço e tecnologia. É difícil refletir sobre o que estamos vivendo hoje, talvez a gente possa falar melhor sobre isso daqui a uns 10 anos.

Você já abraçou o minimalismo ao ponto de gravar uma banda com cinco integrantes em um único canal, com um microfone encontrado no lixo — me refiro ao disco “Cavalera”, dos Penitentes. Para você, qual a importância de tentar fazer muito com pouco?

Isso é muito importante para mim, pois repre-

senta uma não-submissão ao sistema. Eu ouço algumas pessoas dizerem que você precisa do “instrumento x” ou do “instrumento y” para fazer um som legal, mas isso não existe. O som é tudo, vem de tudo; velho, eu uso coisas que encontro no lixo e utensílios de cozinha como instrumentos musicais! E sempre uso esse microfone que usei no “Cavalera”. É um microfonezinho de lapela, é ridículo. É mais uma das minhas afrontas aos donos de estúdio [risos]. Mas agora eu tenho mais microfones além dele. Quando gravei o “Cavalera”, essa era a única possibilidade. Eu não tinha outra opção. Às vezes esse tipo de improvisação pode até tornar o som que você faz mais exótico, mais interessante; as pessoas ouvem e pensam “opa, que som é esse?”. Isso acaba criando uma estética própria, muita gente teve um processo criativo semelhante ao longo da história da música — no punk, no pós-punk, no começo do indie, lá na década de 1990. Somos apenas herdeiros desses artistas e de suas filosofias.

De onde surgiu o interesse pela sucata? Como você percebe que algo encontrado no lixo pode se tornar um instrumento musical interessante?

Esse interesse parte muito das minhas referências. Os discos do Tom Waits, por exemplo, têm um monte de percussão maluca. Isso tem muita relação com as monobandas que me influenciam também, como o Bob Log III. Eu observo os sets desses caras e eles são sempre uma doideira, você nem entende direito o que está rolando ali. O Doo Rag tocava com uma

roda de trem. Eu tenho um amigo que tem uma monobanda chamada Slate Dump, uma vez nós tocamos juntos nos Estados Unidos. Ele vem de uma região de carvoaria, em que uma das principais atividades econômicas é a mineração de carvão — é uma atividade que causa muitos danos à natureza. Ele grava os sons da mineração para usar como paisagem sonora. É legal pegar sons que simbolizam algo e a partir deles construir um conceito para suas músicas.

Mesmo produzindo com tanta simplicidade, você tem uma identidade extremamente original e diferenciada. Dá para ouvir uma música e perceber que é sua. Conte-me seu segredo.

Ah, não tem segredo não! A minha identidade é muito baseada nas coisas que eu gosto de escutar. Eu tenho influência de vários artistas, principalmente do blues, punk e pós-punk, então quando vou compor, já tenho esse background — é como uma nuvem pessoal de referências, em que eu posso escolher quais usar conforme minhas necessidades. Por exemplo, eu tenho um disco chamado “The Relaxing Sounds From Tinsley Prison”, que assino sob o nome de Koti & Thee Immigrants. Foi um disco que idealizei depois que fiquei preso um dia na imigração. Quando eu voltei para o Brasil, pensei em fazer um disco com banjo; mas tocando como um charango, sem seguir o estilo norte-americano — seria um trabalho em que eu misturaria garage rock com reggae e alguns elementos latino-americanos, uma espécie de

As facilidades que os avanços tecnológicos promovem acabam fazendo com que todo mundo tenha a impressão de que consegue fazer tudo. É um bombardeio de informação — quando todos estão fazendo tudo, nada parece tão importante.

reggae invertido. Eu escrevi sobre prisão, sobre imigração e até sobre paganismo. Eu gosto muito desse disco; é um disco meio soturno, meio carregado. O conceito veio naturalmente, as letras e referências também. E cada álbum é uma nova atmosfera, eu gosto de estar sempre fazendo novas experimentações; meu trabalho em *O Lendário Chucrobillyman* mistura delta blues, garage rock e alguns elementos brasileiros. Quanto mais referências a sua nuvem tiver, mais original o seu trabalho vai ser. É importante estar sempre ampliando a sua nuvem, e é importante sair dela também. Isso pode ser meio difícil, mas sair da zona de conforto pode render ótimos resultados.

Você foi preso em Londres, é isso?

Fui. Eu estava indo tocar e eles me grampearam, pois eu não tinha o visto. Eu estava com uma guitarra nas costas e eles acharam que eu queria ficar por lá, morar lá, tocar na rua e não voltar nunca mais. Dei muita sorte de ter ficado só um dia, mas foi um dia bem comprido.

Ser preso influenciou de alguma maneira na sua percepção sobre as coisas? Como?

Sim. Nesse dia, eu vi o quanto o mundo é excludente — eles nos excluem sem dó, eles querem nos mandar embora. É um controle feio, fascista. Eles prendem pessoas que às vezes só querem entrar para passear, trabalhar. Foi nesse dia em que percebi que não dá para andar por aí de boa e fazer o que você bem entender. Foi uma experiência boa... boa não, né, meu, uma merda! Na hora é muito ruim, não recomendo

a ninguém, mas agora é bom, de certa forma. É uma experiência que sim, muda sim a sua percepção sobre as coisas. Lembro que, na prisão, me falaram “relaxa, depois você vai ter algo legal para contar para seus amigos”, aí pensei “ah, tá, que legal, hein...”. Eu preferia ter coisas mais legais para contar para meus amigos.

Li que você conheceu outros brasileiros na prisão e quis deixar seus discos para eles. É verdade?

Sim, é verdade! Eu queria muito ter feito isso. É engraçado que os brasileiros eram os únicos que riam e faziam piadas na prisão. Eu vi chineses, iranianos, paquistaneses e ninguém mais ria, ninguém mais fazia piadas, só os brasileiros. Realmente, o brasileiro é o único povo do mundo que continua rindo e fazendo piadas mesmo quando está afundado na merda. Um dos brasileiros com quem conversei me disse que estava lá há dois meses; iam deportá-lo e ele surtou no avião. Ele me pediu um disco meu, mas na prisão tiram tudo de você e você só entra na cela com um sabonete. Então ele disse que conhecia todo mundo daquele lugar, disse que ia falar com os policiais e pegar o disco. Ele se achava o dono da prisão [risos]!

Você lançou um disco chamado “O Chamado Dos Espíritos” sob a assinatura de “Koti & Os Grimpas”, com canções que refletem sobre o além-vida. O que você acha que acontece quando nós morremos? Você acredita em vida após a morte?

Eu acredito, acredito sim, mas acho que vamos

para um lugar semelhante ao mundo dos mortos quando morremos. Na própria vida nós passamos por acontecimentos que parecem mortes e ressurreições, como pequenos ciclos dentro desse ciclo maior que é a vida. Nesse disco quis fazer algo sombrio, meio fantasmagórico, misturando country e garage rock. Eu gosto de muita coisa do dark country, a exemplo do Those Poor Bastards. É uma dupla da Virgínia Ocidental, se não me engano. Eles fazem uns discos muito bons, um gospel meio assombrado. É muito foda. Eles falam do inferno, do pecado, mas não de uma maneira cristã, religiosa — de uma maneira muito rock ‘n’ roll. Quis fazer algo semelhante aqui no Brasil, com letras em português.

Qual a sua ligação com espiritualidade? Você tem uma religião?

Eu não tenho religião, mas gosto do budismo e de filosofias orientais. A minha mãe é espírita, então tive muito contato com o espiritismo. Eu acho muito massa e também acredito em algumas coisas, mas não sou adepto. Eu gosto de conhecer as religiões e de me aproveitar do que é legal nelas.

Como um sincretismo.

Exatamente. Eu gosto de misturar religiões; assim, eu crio a minha própria religião.

Eu também percebo certa influência de histórias de terror em suas músicas.

Tem sim. Minhas letras são como roteiros de curtas-metragens. Eu só consigo escrever as-

sim — eu gosto de músicas ilustrativas, que você escuta e consegue imaginar imagens.

Para finalizar. Você poderia falar um pouco sobre como está o cenário de música independente de Curitiba?

Aqui em Curitiba eu sempre vejo bandas novas que são formadas por pessoas que eu conheço há muito tempo, que tiveram muitas outras bandas. Eu não vejo muita renovação, não vejo tanta vontade por parte da galera mais nova, mas às vezes vejo adolescentes fazendo um som do caralho também. Aqui em Curitiba sempre teve um cenário bem forte de surf music, rockabilly e psychobilly, ele ainda existe, mas está um pouco mais fraco. Esse novo cenário está um pouco menor em comparação ao cenário anterior.

Confira as ilustrações e lançamentos de Klaus no site oficial da Fonfon Records...

<http://www.koti.com.br/fonfon/>

...ou nas redes sociais:

<https://www.facebook.com/fonfonrecords/>

https://www.instagram.com/fon_fon_records/

Burger Records, selo norte-americano focado em power pop, punk e garage, está à procura de novos talentos latino-americanos e abriu uma subsidiária no Chile

A BURGER RECORDS ESTÁ EM BUSCA DE ARTISTAS LATINOS!

Em 2008, na cidade de Fullerton (Califórnia, Estados Unidos), Lee Rickard e Sean Bohrman criaram a Burger Records para explorar subculturas locais e descobrir o que havia de novo, excêntrico ou intrigante no cenário independente de punk e garage californiano. Lee descreve o início e a expansão da Burger Records como um processo "muito natural e orgânico". "Nós queríamos documentar, arquivar e representar o que estava acontecendo em nossa vizinhança, queríamos divulgar projetos locais que gostávamos de ouvir e de assistir", relembra. Hoje, o selo exibe um catálogo incrivelmente extenso — são mais de 1200 lançamentos em diferentes formatos físicos, sobretudo fita k7 — e produz dois festivais de destaque global: Burgerama e Burger Boogaloo.

Lee e Sean cresceram colecionando discos e se inspirando em ideias e atitudes de artistas e selos independentes da década de 1980 e 1990. Eles integravam a banda de power pop Thee Makeout Party (Lee como baixista, Sean como vocalista e guitarrista) e queriam lançar seus discos, mas nenhum selo queria lançá-los por eles — isso, contudo, acabou não sendo um impedimento, mas sim um estímulo para a criação da Burger Records.

"Em geral, os artistas querem ter controle sobre a sua arte o quanto possível. Ao longo da história da música, muitos deles buscaram esse controle através da criação de selos para lançar seus discos", diz Lee. "Nós crescemos conhecendo a história desses artistas e de seus selos, o que nos inspirou a criar o nosso". Entre as referências, a dupla destaca a Dischord Records (criada por Ian MacKaye, ex-vocalista do Minor Threat), a K Records (criada por Calvin Johnson, vocalista e guitarrista do Beat Happening) e a SST Records (criada por Greg Ginn, guitarrista do Black Flag).

Lee e Sean estão sempre buscando disseminar suas atividades por todos os continentes e sentem prazer em pesquisar música do mundo inteiro e divulgá-la para o mundo inteiro. Eventualmente, os produtores organizam coletâneas dedicadas a diferentes países, as quais chamam de "Burger World". Entre as nações que já foram contempladas, estão França, Israel, Japão, México e, mais recentemente, Alemanha.

A disseminação da Burger Records ganha ainda mais força em meados de 2017, com o estabelecimento de uma subsidiária latino-americana do selo proposta pelos chilenos Álvaro Gómez e Carmen Barahona — a Burger Records Latam.

Álvaro, apelidado de Alvarito, trabalhava na Doll Music, produtora fundada por Carmen, quando conheceu Sean. Eles se encontraram pela primeira vez em 2014, em um showcase realizado pela Burger Records no SXSW, um evento de música e cinema que acontece anualmente em Austin (Texas, Estados Unidos). No mesmo dia, em um diálogo que já pressupunha parceria entre os dois, Alvarito convidou Sean para o En Órbita, festival chileno de música psicodélica organizado pela Doll Music.

Sean, que aceitou o convite e conheceu algumas bandas latino-americanas no En Órbita, permaneceu em contato com Alvarito e Carmen, quando a dupla propôs a criação de uma subsidiária em Santiago (Chile). "Dizemos 'sim' para a maioria das propostas", diz Sean. "Em geral, essa tática proporciona boas colaborações — particularmente, a Burger Records Latam nos soou como uma ótima ideia".

Atualmente, Álvaro é o único gerente da Burger Records Latam e não mais trabalha na Doll Music. Apesar do auxílio de Lee e Sean, é ele quem organiza os eventos que carregam o nome da subsidiária, além de ser o principal responsável pela curadoria dos lançamentos e coletâneas. Estar à frente de um selo não

é novidade para ele — o produtor já havia criado com seu irmão, Alejandro, o selo Algo Records. Para Álvaro, contudo, a Burger Records Latam represente uma nova experiência. "É desafiador e trabalhoso gerenciar um selo a nível continental, pois você tem que dialogar com países diferentes, com cenários independentes diferentes e, conseqüentemente, com formas diferentes de se trabalhar com música — mas é isso o que o torna divertido, também".

Até o momento, foram montadas duas coletâneas pela Burger Records Latam, e uma terceira já está confirmada. As três foram organizadas por meio de uma convocatória realizada nas redes sociais (Facebook, Instagram e Twitter) — qualquer banda ou artista latino-americano pode enviar material autoral para o e-mail da subsidiária. "A ideia das coletâneas é selecionar material para divulgar a América Latina — sua banda pode ter 10 músicas ruins, mas se tiver uma boa, que tenha potencial de divulgação, ela provavelmente será selecionada", aconselha Alvarito.

A Burger Records Latam é uma iniciativa em expansão que objetiva construir pontes entre as diferentes nações da América Latina e unificar o cenário independente latino-americano. A primeira coletânea é bastante concentrada no Chile — sete dos 15 projetos selecionados são chilenos. Ao que tudo indica, essa concentração está sendo quebrada gradativamente. A segunda coletânea é mais plural e apenas quatro dos 16 projetos selecionados são chilenos. Em nome da Burger Records Latam, Alvarito também organiza playlists no Spotify dedicadas aos países latinos, e já fez playlists para a Argentina e para a Colômbia.

Álvaro conserva o espírito da Burger Records norte-americana em sua versão latina e, bem como Lee e Sean, prioriza o que é novo, excêntrico e intrigante, e provavelmente vai descartar o que soar como uma reprodução de uma banda norte-americana que ele já ouviu. "A Burger Records Latam não se interessa por artistas que são uma cópia de uma cópia de uma cópia", afirma. "Não queremos bandas parecidas com as bandas norte-americanas, californianas — queremos bandas latinas que tenham personalidade e façam algo original".

Os primeiros projetos a assinarem com a Burger Records Latam foram Adelaida (Chile), Dylan Thomas (Costa Rica) e Velveteloca (Chile). Agora, Alvarito segue ajudando Lee e Sean a garimparem projetos interessantes pelo mundo. "Dizem que o rock está morto, que o punk está morto — essas pessoas são preguiçosas. Em qualquer lugar e época haverá alguém fazendo algo legal, você só tem que encontrá-lo", argumenta Sean.

Acompanhe a Burger Records Latam nas redes sociais:

<https://www.facebook.com/burgerrecordslatam/>

<https://twitter.com/BurgerRecLatam>

<https://www.instagram.com/burgerrecordslatam/>

PUNK FEMININO

Organizada por Nathalia Viccari, ex-bate
Existe" reúne bandas pioneiras do punk

SEM FRONTEIRAS

Crísta do Rakta, a coletânea “Sudamerica sul-americano com integrantes mulheres

Nathalia Viccari, brasileira que mudou-se de São Paulo para Buenos Aires em 2014 e baterista da formação original da bem-aventurada banda de pós-punk Rakta (a qual deixou ao final de 2017), percebeu com seu deslocamento uma grande diferença entre o comportamento de brasileiros e argentinos em relação ao consumo de música: “brasileiros olham para cima, enquanto argentinos olham para o lado”. Ela possuía um vasto conhecimento sobre punk europeu e norte-americano, ao passo que seus amigos argentinos eram donos de repertórios que continham, por exemplo, bandas chilenas, peruanas e uruguaias. Paralelamente, seu incômodo com representações majoritariamente masculinas do início do punk brasileiro converteu-se em curiosidade em relação às bandas pioneiras com mulheres em suas formações. A intersecção entre essas reflexões deu origem à sua coletânea “Sudamerica Existe”.

Lançado em outubro de 2017 e resultante de quase um ano de investigação, o primeiro volume de “Sudamerica Existe” é possivelmente a primeira coletânea dedicada à participação feminina no punk sul-americano. Ela contém 10 faixas que transitam entre o punk e o pós-punk — uma de cada país da América do Sul, com exceção da Guiana e do Suriname —, foi lançada em formato físico, em fita k7, e disponibilizada para streaming gratuito e download por valores a partir de US\$1 no Bandcamp.

Essas faixas foram gravadas em um intervalo de tempo entre 1984 e 1998, encontradas em fitas abandonadas e empoeiradas em porões de amigos, compilações obscuras com gravações de má-qualidade e blogs ocultos nas profundezas de sites de busca. Em entrevista, Nathalia fala sobre os processos de idealização e descoberta que compreendem “Sudamerica Existe”.

Faixas: 1. Soberania Personal — Lider (Argentina) 2. 3D — Desorientada (Brasil) 3. Fértil Miseria — Los Generales (Colômbia) 4. Kaos — Titeres Rebeldes (Paraguai) 5. Descontrole — Repressión Policial (Equador) 6. Psh Psh — Guerra Mental (Venezuela) 7. Maria T.TA Y El Empujón Brutal — La Pituchafa (Peru) 8. Poluición Sonora — Su Consciencia (Uruguai) 9. Emociones Clandestinas — Animate (Chile) 10. Autorrey — Miseria (Bolívia) **Ouçã o primeiro volume de “Sudamerica Existe” em: sudamericaexiste.bandcamp.com**

É verdade que “Sudamerica Existe” é a primeira coletânea dedicada a mulheres no punk sul-americano? Você fica surpresa por nunca terem tido essa ideia antes?

Não acho que tenha sido a primeira. Na verdade, quero acreditar que não foi a primeira, porque se foi, só aconteceu agora, no final do ano passado. Então eu quero estar errada, mas até agora não encontrei nenhuma outra coletânea com essa temática. Existem muitas pesquisas e coletâneas sobre o começo do riot grrrl ou do queercore, mas não com o recorte da América do Sul. Por um lado, fico triste em pensar na possibilidade de “Sudamerica Existe” ser a primeira coletânea dedicada a mulheres no punk sul-americano, mas por outro, se for, espero que seja a primeira de muitas. Depois que lancei “Sudamerica Existe”, algumas mulheres vieram falar comigo que resolveram fazer pesquisas semelhantes por conta da coletânea, a exemplo de uma mulher chilena que me disse que se reuniu com algumas amigas para listar bandas femininas ou feministas do Chile.

Para você, por que é importante organizar um produto dedicado aos projetos com participação feminina?

Acho que a nova onda feminista empoderou muitas mulheres. Eu, quando tinha 15 anos, sempre reproduzia machismo e não pensava no feminismo como penso agora. E acredito que muitas amigas também, muitas amigas achavam normais naquela época coisas que a gente sabe que não são normais hoje em dia. Eu cresci com poucas amigas mulheres — a ri-

validade feminina ainda era bastante normalizada enquanto eu era adolescente. Então eu reproduzia a ideia idiota de que mulheres não se davam bem com outras mulheres e que ter amigos homens era muito mais legal. Ainda bem que, atualmente, as coisas não são mais assim. Quando comecei a idealizar a coletânea, imaginei que mulheres mais velhas sofriam e reproduziam tanto machismo quanto eu, ou até mais do que eu. E acredito que, na década de 1980, ser uma mulher punk e tocar no meio de vários homens era uma atitude muito mais forte e política do que no final da década de 1990 ou pós-anos 2000, em que você tem um boom de bandas femininas e feministas. Então foquei a pesquisa na década de 1980, porque fiquei curiosa para saber — se eu, aos 15 anos, já sofria e reproduzia tanto machismo — como as mulheres da época agiam e pensavam, e por que ninguém fala delas. O início da história do punk brasileiro que nos contam, por exemplo, é extremamente focado em bandas completamente masculinas. Então resolvi pesquisar por bandas da década de 1980, ou por bandas pioneiras — em alguns países, as primeiras bandas punk com mulheres na formação só foram surgir no começo da década de 1990.

E em relação ao recorte sul-americano? O que te levou a limitar a curadoria à América do Sul?

Quando me mudei para a Argentina, eu percebi que o Brasil é ilhado em relação ao resto da América do Sul, tanto que existem pessoas que excluem os brasileiros quando falam de

latino-americanos. Alguns brasileiros acham que não são latino-americanos, também, por não falarem espanhol. Na Argentina, eu percebi que os argentinos têm muito contato com chilenos, paraguaios, uruguaios, enquanto eu no Brasil tinha mais contato com norte-americanos ou europeus. Brasileiros não olham para o lado, eles olham para cima. Na Argentina, eu aprendi a olhar para o lado. Eu quis dedicar a coletânea às bandas sul-americanas para mostrar que somos vizinhos e temos todos muito em comum, por mais que o nosso idioma seja um muro invisível. Para tirar o foco das produções europeias e norte-americanas e mostrar que existem coisas acontecendo mais perto do que nós imaginamos.

Em um relato publicado na internet como descrição da coletânea, você comentou sobre essa questão de que, na Argentina, as pessoas se envolvem mais com os cenários musicais dos países vizinhos do que nós no Brasil. Por que você acha que isso acontece? O nosso idioma é realmente a única barreira?

O Brasil é um país enorme — muito maior em comparação à Argentina ou ao Chile. E algumas capitais brasileiras também são ilhadas. Por exemplo, se você está em São Paulo, é comum que você não saiba o que está acontecendo no Rio de Janeiro, e se você está no Rio de Janeiro, é comum que você não saiba o que está acontecendo em Belo Horizonte. Então é como se o próprio Brasil já se comportasse como um grande continente. Tem tanta coisa

Brasileiros não olham para o lado, eles olham para cima. Na Argentina, eu aprendi a olhar para o lado.

acontecendo em território nacional que não conhecemos que fica difícil dedicar nossa atenção ao que acontece fora dele, então acabamos muito voltados para nós mesmos. O Brasil é muito extenso e rico culturalmente, então dificilmente você, em São Paulo, saberia do que está acontecendo na Bahia ou no Rio Grande do Sul se não fosse pela internet. Conhecemos produtos europeus ou norte-americanos porque isso faz parte de um controle maior do que nossa vontade própria ou do que nossas pesquisas individuais.

Então você sente que o cenário independente argentino é mais unificado do que o cenário independente brasileiro?

Sim. Aqui, na Argentina, sinto que é mais fácil conhecer tanto o que está acontecendo dentro quanto o que está acontecendo fora. Meus amigos argentinos sabem muito sobre tudo — aqui, as pessoas conseguem citar para você uma banda chilena ou boliviana com muita facilidade. Elas falam “eu conheci essa banda do Paraguai” como os brasileiros falam “eu conheci essa banda do Pernambuco”. Mas também tem a questão de que a Argentina é dimensionalmente muito menor do que o Brasil. O Brasil é maior e tem mais habitantes, então consequentemente tem mais pessoas fazendo coisas. Uma coisa interessante que eu percebi é que o punk está muito inserido na cultura argentina — você ouve punk nas rádios e nas trilhas sonoras de novelas. Um argentino médio conhece o Fun People, mas um brasileiro médio não conhece o Cólera.

No processo de curadoria de “Sudamerica Existe”, você teve o cuidado de fazer outros recortes além do recorte de gênero, como o de raça ou sexualidade?

Não, justamente porque o punk sul-americano é muito masculino, branco e heterossexual. Na verdade, movimentos como o afropunk ou o queercore só começam a ganhar força na América do Sul na década de 1990 ou no começo dos anos 2000. Foi difícil para mim até encontrar bandas completamente femininas, o que configurava a proposta inicial da coletânea. Então acabei ampliando a seleção para bandas que tinham alguma mulher como integrante, mas sem nenhum outro recorte, porque isso limitaria ainda mais a seleção de bandas. Mas penso em fazer outras coletâneas com outros recortes que não o de gênero, como os próprios recortes de raça e sexualidade.

Como você realizou o mapeamento e a curadoria das bandas? Quais foram os critérios de seleção utilizados?

Eu comecei pela parte mais fácil, que foi Argentina e Brasil, depois procurei por amigos que tinham ligações com outros países e perguntei sobre as bandas de lá. Também escrevi para muitos blogs e para muitas pessoas que eu sequer conhecia. Alguns países foram muito fáceis, outros foram muito difíceis. Eu quase desisti da coletânea enquanto buscava por bandas bolivianas. Um amigo meu me disse que existiram muitas bandas punk na Bolívia, mas ninguém tinha recurso para realizar gravações — se não me engano, o primeiro registro

punk boliviano foi no final da década de 1990! Anos depois os integrantes dessas bandas punk se dividiram entre bandas de pós-punk e metal. E o Chile foi quase tão difícil quanto a Bolívia, também foi um país complicado. Eu ficava bem desanimada quando via que as bandas pioneiras de alguns países eram da década de 1990, pois a princípio, queria fazer uma coletânea voltada para a década de 1980. Também foi muito difícil encontrar um bom registro do Uruguai. A faixa uruguaia que incluí na coletânea, “Su Consciencia”, da banda Polución Sonora, foi retirada de uma coletânea da década de 1980 e a qualidade da gravação está muito ruim. Um dos critérios que utilizei foi a popularidade — eu queria incluir bandas mais escondidas, que não estivessem em muita evidência. Por exemplo, o Brasil tem Mercenárias, mas eu as descartei pois quase todo mundo conhece Mercenárias. Então decidi incluir 3D, que é uma banda do Rio Grande do Sul, fora do eixo Rio-São Paulo.

Percebi que você só escolheu bandas que compunham em suas línguas nativas — ao longo da história da música independente brasileira, por exemplo, existiram uma série de bandas que compunham em inglês. A questão do idioma foi um dos critérios de seleção ou as composições em línguas nativas eram características do início do punk sul-americano?

Acho que as pessoas não compunham em inglês naquela época. Nas décadas de 1980 e 1990, por exemplo, quase não existiam bandas

punk brasileiras que compunham em inglês. Aliás, quase ninguém sabia falar inglês. Acho que saber falar inglês é algo da nossa geração, não sei se naquela época as pessoas tinham inglês como disciplina escolar, por exemplo. Acho que, na década de 1980, os punks brasileiros ouviam bandas gringas muito mais pela sonoridade e pela estética visual dos discos do que pelas mensagens.

Ao ouvir a coletânea, percebi que algumas bandas carregavam a estética do início do punk, enquanto outras já apontavam para o pós-punk. O engraçado é que essas bandas foram praticamente coexistentes. Você acha que essa diferença se dá pelo acesso à informação de cada país — bandas de países mais modernos tendem a compreender estéticas mais modernas?

Acho que sim, principalmente se levarmos em conta as ditaduras de cada país. Alguns países foram privilegiados por uma chegada prévia da informação. O punk entrou mais tardiamente em outros porque as ditaduras deles acabaram depois. Por exemplo, a ditadura da Bolívia terminou em 1982, enquanto a ditadura no Chile

só foi terminar em 1990. E pelo que eu entendi pesquisando sobre a banda chilena que incluí na coletânea — Emociones Clandestinas —, por exemplo, é que ela foi montada por um grupo de músicos profissionais que queriam fazer música agressiva e subversiva ao final da ditadura. Não surgiu naturalmente, eles queriam trazer o punk para o Chile. Essa banda lançou uma fita demo com uma mulher no vocal e logo depois um disco sem essa mulher, sob uma estética bastante genérica — hoje em dia, ela é uma das bandas mais famosas do Chile, como se fosse uma espécie de Capital Inicial. Muitas pessoas não entenderam por que eu a incluí na coletânea, mas eu a incluí justamente por conta dessa fita demo. E por ela ser uma banda pioneira do punk chileno, e também pela polêmica [risos].

Que coisa! E foi fácil para você contatar as bandas selecionadas?

Não, não mesmo. Até agora, tem bandas que não consegui contatar de maneira nenhuma, não encontrei integrante nenhum! A Bolívia permanece um mistério até nesse sentido, ainda não consegui contatar ninguém da Auterev. Também não consegui contatar a banda colombiana, Fértil Miseria, mas aparentemente eles permanecem em atividade. “Sudamerica Existe” é um projeto em aberto. Eu lancei essa coletânea, sobretudo, para receber informação como retorno. Quero que me mandem informações sobre as bandas incluídas na coletânea ou que corrijam informações que possam estar erradas. Ou até mesmo que os próprios integran-

tes dessas bandas entrem em contato comigo. Quero receber fitas e fotografias... é muito difícil realizar uma pesquisa exclusivamente pela internet. O ideal seria que eu viajasse para cada país em busca de material. Espero um dia poder continuar esse projeto com mais calma, e quem sabe lançar um livro ou um disco com um encarte interessante e informativo.

Então você não pediu permissão para utilizar essas músicas?

Não. Por isso que, a princípio, não pretendo lançar a coletânea em CD ou LP, mas a lancei em fita k7, como uma mixtape — “Sudamerica Existe” não tem direitos autorais, e você pode copiá-la e repassá-la para seus amigos. Eu não a criei sob fins lucrativos. Também a disponibilizei digitalmente, no Bandcamp, pois acredito que as informações circulam com mais alcance e velocidade na internet e eu quero que essa coletânea chegue até as bandas envolvidas. A seleção das músicas foi fruto de puro garimpo, através de downloads em blogs pouco conhecidos ou de fitas esquecidas nas casas de amigos.

Em 2016, uma adolescente foi estuprada e morta em Buenos Aires, o que mobilizou uma greve geral de mulheres na Argentina conduzida por cerca de 50 organizações. Eu fiquei positivamente surpresa em relação à greve, pois movimentos planejados como este parecem ser pouco recorrentes no Brasil. Como estão as questões relativas às mulheres na Argentina? Você poderia fazer um breve comparativo

acerca do feminismo e da violência contra a mulher na Argentina em relação ao que você observava no Brasil?

No Brasil, eu via uma ou outra marcha ou passeata. As manifestações feministas na Argentina são recorrentes e mobilizam todas as gerações — as avós, as mães e as filhas. Na Argentina tem as Mães da Praça de Maio, uma manifestação em que mulheres idosas se reúnem para exigir notícias de filhos desaparecidos durante a ditadura militar argentina. Algo que me surpreendeu sobre o país, até mais do que a militância feminista, foi o fato de que os argentinos separam um dia do ano em memória à ditadura e suas vítimas. É um feriado criado com o intuito de evitar que a ditadura argentina um dia se repita, você passa o dia inteiro assistindo reportagens e documentários sobre a ditadura na televisão. Para mim, manifestações culturais como essa influenciam muito na consciência política argentina. No Brasil, a gente mal conhece a nossa própria história! Lembro que estudei em escola estadual e nunca me falaram sobre feminismo, sobre ditadura. É por isso somos tão cegos para uma série de violências e opressões. Tem brasileiro que pede pela volta da ditadura, é absurdo.

Nathalia está em busca de informações sobre as bandas incluídas no primeiro volume de “Sudamerica Existe”. Para ajudá-la na pesquisa, você pode contatar o projeto por:

E-mail: sudamericaexiste@gmail.com

Facebook: [facebook.com/sudamericaexiste](https://www.facebook.com/sudamericaexiste)

Conhecemos produtos europeus ou norte-americanos porque isso faz parte de um controle maior do que nossa vontade própria ou do que nossas pesquisas individuais.

VINTE KHZ